

ARTIGOS

Morte e ressurreição da Teologia*

Raimon Panikkar**

Tradução: Flávio Augusto Senra Ribeiro***

RESUMO

Esta aula inaugural, proferida por Raimon Panikkar no Institut Superior de Ciències Religioses de Vic, em 2002, analisa o problema da irrelevância a que está condenada a teologia nos dias atuais, a marginalização do teólogo e das faculdades de teologia. O texto procura investigar as causas desta lamentável situação e se pergunta pela possibilidade de mudança deste quadro. Organizada a reflexão nestes três pontos, o escrito diagnostica um desvio da rota evangélica como uma das possíveis causas da perda de relevância da teologia. Investigando a interna relação entre filosofia e teologia, o presente texto desvela os distintos aspectos deste matrimônio. Por um lado, chama-se atenção para a confusão entre os domínios de cada disciplina, por outro, reafirma-se a necessidade de um urgente reenlace entre alma e corpo, filosofia e teologia, respectivamente. Além de abandonar o divórcio com a filosofia, para ressuscitar, a teologia cristã, como expressão da religião da Palavra, deve fazer-se cada vez mais ouvinte do Mistério, abrir-se ao símbolo, evitando converter a fé em uma ideologia.

Palavras-chave: Teologia; Filosofia; Cristianismo.

“A teologia não está acorrentada”.
(II Tim. II, 9)

AMIGOS E INIMIGOS DA teologia:

É uma honra ter a oportunidade de apresentar criticamente algo que foi para mim um problema capital durante toda minha vida: **Morte e ressurreição da teologia**.¹

Disse inimigos não como uma ocorrência, senão porque, quase sempre, escutando os inimigos é como mais se aprende – também teologia. Sorte tem a teologia de seus inimigos hoje em dia

* Texto da conferência inaugural do curso 2002-2003 do *Institut Superior de Ciències Religioses de Vic* (Barcelona), publicado sob o título **Muerte y resurrección de la Teología**. Barcelona: Vic (Institut Superior de Ciències Religioses), 2002, 27p. Publicação e tradução autorizadas pelo autor para a Revista **Horizonte** da PUC Minas. Texto disponível também em espanhol no sítio: < <http://servici-oskoinonia.org/relat/367.htm> > .

** Raimon Panikkar é Doutor em Filosofia pela Universidade de Madri, em Ciências Químicas pela Universidade de Barcelona e em Teologia (Roma). É autor de mais de 40 livros em diversos idiomas que abarcam desde Filosofia da Ciência a Metafísica, Religiões Comparadas e Indologia. É presidente da ONG Inodep (Paris), do Center for Cross-cultural Religious Studies (California), fundador e presidente de Vivarium, uma fundação dedicada a promover o diálogo intercultural, de Centre d'Estudis Interculturals da Catalu-

nha, da Sociedad Española de las Religiones (Madri), e é membro do Institut International de Philosophie (Paris) e do Tribunal Permanente de Povos (Roma), entre outras organizações. Suas obras mais importantes são: **Invisible harmony** (1955), **Il daimon delle politica** (1955), **The Vedic Experience** (1977), **The intra-religious dialogue** (1978), **Myth, faith and hermeneutics** (1979), **La Trinidad y la experiencia religiosa** (1989), **La nueva inocencia** (1993), **Ecosofia** (1993), **Elogio de la sencillez** (1993), **Paz y desarme cultural** (1993), **El Cristo desconocido del hinduismo** (1994), **El silencio del Buda** (1996), **La experiencia filosófica de la India** (1996), **Una introducción al ateísmo religioso** (1996), **El espíritu de la política** (1998), **Iconos del misterio** (1998), **Invitación a la sabiduría** (1998) e **La intuición cosmoteándrica** (1999).

*** Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid. Professor de Cultura Religiosa e Ética, e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

¹ O estilo falado não é o estilo escrito. O autor procurou conservar a espontaneidade do primeiro,

– se não para ressuscitar, sim ao menos para reanimar-se. A contradição, como já diziam os antigos, não apenas anima a inteligência, como também faz amadurecer os espíritos.

Faz pouco tempo, alguns teólogos decretaram a morte de Deus. Este, após o veredicto, segue vivo e desperto. Deus vive, porém a teologia morreu ou, pelo menos, está moribunda. Não tem vida. Não apenas estatisticamente (já não se estuda); também está ausente da sociedade. A teologia foi expulsa dos grandes centros de educação, tanto no ensino médio quanto nas universidades. A teologia não interessa porque tornou-se irrelevante para a vida pública. Já não serve para “ganhar a vida”, expressando-o com dupla ironia, porque a mesma frase mudou de sentido e já não significa forjar-se a própria vida para vivê-la plenamente agora e sempre, senão conseguir algum dinheiro para ter uma existência cômoda.

Esta grande civilização, a muçulmana, tão mal entendida, tão caricaturada e tão profunda, que se estendeu durante séculos por 60% da Península Ibérica e que fecundou o pensamento cristão desde o século X, está escandalizada, sem atrever-se a dizê-lo assim, ao ver que o Ocidente moderno conseguiu criar uma civilização, não digo uma cultura, que pode permitir-se o luxo de ser tolerante, porque tanto se Deus existe quanto se não, no fundo, resulta ser o mesmo. Converteu-se em uma hipótese supérflua. Os trens, a política, a economia, tudo funciona igual, com Deus ou sem Ele. Podemos nos permitir o luxo de que uma pessoa se confesse crente e a outra não, porque é indiferente. A alternativa não é, evidentemente, que nos matemos porque não pensamos o mesmo, mas que dialoguemos – e dialogando cultivemos nosso espírito, assim como Cícero descrevia a filosofia: “cultura animi”. Passaram aqueles tempos nos quais os homens das vilas se apaixonavam pelos problemas fundamentais da inteligência: Deus, a Trindade, a alma, a felicidade, o sentido da dor... Acaloravam-se por aquelas questões, discutiam-nas e acudiam àqueles que as conheciam um pouco melhor para lhes perguntar e gozar de uma maior plenitude de vida intelectual, espiritual e inclusive física. Não significa que naqueles tempos as pessoas fossem melhores ou piores que em nossos dias, porém é um fato que, atualmente, os problemas teológicos, as questões sobre o destino do ser e o sentido da vida, as questões metafísicas, em uma palavra, não nos preocupam muito, porque não temos tempo para pensar nelas, e as respostas teológicas corren-

tes nos resultam como pré-fabricadas e não nos convencem. Afirmando isto, não idealizo aqueles tempos em que os teólogos especulavam esplendidamente sobre a Trindade e a Encarnação, por exemplo, e se esqueciam da justiça social do mesmo Evangelho, porém, após vinte séculos, não parece que se tenha “progredido” muito. Há alguns anos escrevi uma nota na qual dizia que a denominada “teologia da libertação” implicava também uma libertação da teologia – precisamente para que possa ressuscitar.

Convertemos a filosofia e a teologia em umas especialidades sobre as quais os expertos talvez saibam algo, porém das quais o povo em geral pode permitir-se o luxo de prescindir. São irrelevantes. Não me refiro a se as igrejas estão vazias ou não. Ou se o povo pratica, entendendo por prática a assistência a uma série de atos de culto. Não faço agora sociologia, mas apenas sinalizo que os problemas fundamentais da teologia parecem irrelevantes para nosso mundo. É um fato, uma constatação. Nem sequer, sendo um pouco irônico, lhe organizaram um funeral de primeira, nem lhe edificaram um mausoléu em um cemitério. Marginalizaram os teólogos e os poucos que restam são tolerados porque não incidem na vida. Há alguns quantos expertos que dizem conhecer a teologia, existem inclusive institutos que dizem encontrá-la interessante, porém, para a maioria das pessoas, a teologia morreu.

Com isso não quero dizer que devemos sentir saudades dos tempos passados, nem propor uma proliferação das faculdades de teologia. Acabo de dizer que a teologia não é uma especialidade e que, portanto, não pode ser encerrada em aulas elitistas. Daí, o título desta aula inaugural contém uma copulativa e uma disjuntiva: “morte e ressurreição”. A ressurreição segue-se à morte. Se a vida não é uma constante ressurreição não é propriamente vida – como afirma São Paulo. Si “cada dia morro” (I Cor. 15, 31) é porque cada dia ressuscito.

Gostaria de desenvolver esta idéia em três pontos bem simples:

- I. A preocupação de que a “teologia”, como é comum entender-se, tem uma vida vegetativa e é irrelevante para a vida humana.
- II. Aventurar uma hipótese sobre o por quê?
- III. Perguntar-se sobre sua possível ressurreição.

porém permitiu-se intercalar frases que esclarecem seu pensamento porque lhe parece que o tema é suficientemente importante. Renunciou, contudo, a todas as citações que complicariam o texto. Por respeito às diversas tradições, conservou a ortografia original dos nomes próprios.

I

Passados seis milênios de história humana, creio que se pode chegar à conclusão de que o sistema político mais eficaz e realizada (a *Realpolitik*) é precisamente o Evangelho. Os demais sistemas fracassaram. Ainda quando hoje em dia se sabe que a “Donatio Constantini” (mediante a qual o imperador Constantinus dava ao Papa Silvestre I a “imperialis potestas” sobre todo o mundo romano) foi uma falsificação em toda regra do século VIII, a mentalidade do “Sacrum Imperium” segue ainda vigente e a teologia se viu afetada por isso. O “ministerium” passou a “magisterium”. Agora bem, este estilo de vida e, portanto, da vida política, que poderia resumir-se no “Sermão da Montanha”, está praticamente por estrear na vida pública. No Evangelho se diz e se repete que o menor será o maior e que os últimos serão os primeiros. Justamente o Evangelho de hoje² diz: “Os envio como cordeiros entre lobos” (Lc 10, 3). Pergunto-me se compreendemos bem o sentido desta frase. Que significa? Cordeiros com armas atômicas, abastecidos de “seguranças” e “defesas” e repletos de dólares? Cordeiros que têm medo e se armam mais que os leões? Os leões, com razão, são fortes e não vão armados. Esquecemos talvez a lição eucarística de deixar-se comer para frutificar e assim dar vida ao mundo? Há paradoxos que, passados 20 séculos, começam a não parecê-lo. Talvez é a única *Realpolitik* para levar paz ao mundo e às consciências. Dizia Bismark que com o “Sermão da Montanha” todos os impérios caem, incluída a ditadura imperial que estamos suportando. Ante esta situação, a teologia nem sequer se atreve a abrir a boca. Mais que afônica, tornou-se muda.

Em uma palavra, a teologia está morta. Também o comprova o fato de que não tem voz nem voto no fenômeno cultural mais importante dos últimos séculos: a ciência moderna. Como máximo se escutam as vozes de uma moral que parece querer frear a paixão investigadora por motivos mais ou menos pragmáticos. Porém a teologia é muito mais que moral – moral, por outra parte, que a poucos convence.

II

Agora então, o difícil é aventurar uma hipótese sobre “por que” morreu a teologia. A história a que fiz alusão tem grande parte de responsabilidade. Costuma-se dizer que o responsável

² Faz-se assim referência ao Evangelho que, segundo o calendário litúrgico, deveria ser lido no dia 3 de outubro de 2002, data em que aconteceu a conferência inaugural do curso no Institut Superior de Ciències Religioses de Vic.

foi o regime de cristandade que, em nosso caso, poderia caracterizar-se pela confusão da *exousia* evangélica com a *potestas* romana e o “poder” moderno. Porém, como nos encontramos em um instituto de teologia, quisera aventurar uma hipótese mais teológica, concomitante às razões históricas.

Utilizarei uma frase que, com toda segurança, se estudou nesta instituição e que, neste lugar, posso citar em latim: “*Philosophia ancilla theologiae*”, “a filosofia, servidora da teologia”. Aqui temos um exemplo de como a mudança de contexto modifica o sentido de um texto. A frase se gestou na época patrística como símbolo da autonomia das instituições da fé ante as elucubrações míticas e racionais. Os mitos e as filosofias do denominado “paganismo” eram usados pelos padres da Igreja para formular as verdades do cristianismo criticando-as, adotando-as e transformando-as. As monjas, no concílio romano de 721, são denominadas “*Dei ancillae*”, “servidoras de Deus”. Depois, com Petrus Damiani no século XI e para defender a exegese simbólica tradicional da escritura frente à interpretação racionalista da “*artis humanae peritia*”, a esta perícia meramente racional denominou-se “*ancilla*”. Finalmente quando, depois de Abelardo, se iniciou a autonomia da dialética racional, se utilizou a fórmula no sentido que se deu desde a Idade Média até Kant com seu famoso “*Streit der Fakultäten*”.

Como já disse muitas vezes, para interpretar bem um “texto” há que conhecer seu “contexto”. Esta é a tarefa do historiador. Não se pode entender a teologia cristã sem conhecer seu contexto hebreu-greco-romano. Um dos efeitos colaterais de ter relegado ao esquecimento o estudo da história e das línguas clássicas é que a teologia que se costuma ensinar pareça mumificada ou meras formulações caídas do céu – até a aberração de confundir a revelação com sua mesma formulação. Daí também o que denominei “o imperativo intercultural” para a paz do mundo e o estudo da teologia. Um texto cristão, por exemplo, em um contexto asiático soa muito diferente do que o texto queria dizer.

Pois bem, para entender um texto falta algo mais. E isto se disse menos e se esqueceu com frequência. Há que “entender” também o “pretexto” do autor – tarefa do filósofo, se é um autêntico “amante” da sabedoria. Este “entender” é de outra ordem que o mero conhecimento racional; falta um conhecimento pessoal que implica amor, entre outras coisas. O “pretexto” dos padres da Igreja foi levar o “mundo pagão” a compreender e

aceitar o Evangelho falando sua mesma língua. O “pretexto” da Idade Média foi a polêmica, e o da Idade Moderna, conservar o poder. Dito de outra maneira, o texto tem muitas leituras.

Minha interpretação se limita ao uso que se fez da frase “*Philosophia ancilla theologiae*” desde a teologia escolástica até nossos dias. A teologia, em oposição ao que nos diz o Evangelho, quis mandar e, ao mandar, se desacreditou. Quis ter poder, ser a “regina” das ciências e ditar o que estas deveriam dizer. Confundiu autoridade com poder. Como a mesma palavra indica, tem autoridade quem faz crescer aos demais, quem faz crescer a confiança, o amor, a compreensão e a tolerância. Como diziam os antigos: “*Autoritas ab augendo*”, “a autoridade vem de quem nos faz crescer”. Não é poder. A autoridade nos dá e nos reconhece o outro. Eu tenho o poder, dado por meu dinheiro, armas ou músculos, e por isso o outro me teme. A teologia, uma vez utilizada uma certa filosofia, quis mandar, ser rainha, converter a filosofia em sua servidora e, por esta causa, se esclerosou, por não dizer que morreu. Já o dizia Lao Tsé antes que o Evangelho: quem realmente tem autoridade ocupa o último lugar e então lhe é reconhecida. A teologia quis converter a filosofia em uma espécie de servidora. Ainda hoje, nas faculdades de teologia se introduz a filosofia como matéria para preparar a entrada à teologia. Uma vez doutrinados nesta filosofia, que não é autêntica filosofia porque não é livre, nos introduzem na teologia. Ao fazer da filosofia sua servidora, a teologia caiu em suas mãos. De tal maneira que sem Aristóteles, Platão, etc., não existe teologia possível. A teologia se vê obrigada a expressar-se por meio das formas que nos apresenta a filosofia. Diziam também os antigos: “*Quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur*”, “*Todo o que recebe, se recebe segundo a forma do recipiente*”. Isso conecta com outra idéia de Lao Tsé, que exalta a água dizendo que é feminina e que toma a forma do recipiente que a contém. Não tem forma própria, se adapta à forma do recipiente e, quando se deixa correr, se desliza para baixo.

A coisa não acaba aqui. Este domínio da teologia sobre a filosofia não apenas desvirtua a primeira, senão que também degenera a segunda. Assim, por exemplo, para defender a linguagem do Concílio, que utiliza a palavra “pessoa” referindo-se à Trindade, se elabora, mais ou menos gratuitamente, todo um conceito peculiar de pessoa – que já para os gregos tinha outro sentido, e não digamos para toda Ásia. As línguas não são neutras.

A situação é muito mais grave do que parece, porque, em séculos posteriores, quando o cristianismo entrou em contato com as religiões orientais, se disse, e se diz ainda hoje em dia, que o grande escândalo e a grande diferença entre estas e o cristianismo reside na concepção de um Deus pessoal neste último e um Deus impessoal nas primeiras. Estamos sofrendo um mal entendido teológico que tem conseqüências históricas de primeira magnitude. Repito que a teologia é de importância vital para a vida dos povos.

Convertemo-nos em escravos de uma teologia que, querendo mandar, se converteu em escrava de uma filosofia que, por sua vez, e querendo servir a sua senhora, tampouco cresceu. Não há teologia possível sem uma base filosófica, porém esta base já é teológica. Que significam “pessoa”, “Deus”, “virtude”, “sabedoria”, “felicidade”? Há que explicá-los com palavras que surjam de uma experiência humana integral, seja esta uma experiência da razão, da fé, do sentimento ou de qualquer outra fonte de conhecimento – o que não elimina a função crítica de nossas mesmas faculdades.

Portanto, se já tenho uma idéia preconcebida do significado de “Deus”, “verdade”, “graça”, “sabedoria”,... ou seja, uma idéia recebida de uma certa filosofia prévia, então a teologia se converte em escrava daqueles moldes mediante os quais, necessariamente, deve expressar-se.

Atualmente a filosofia escapou desta tutela. Caminha solitária e rompeu a simbiose positiva com a teologia. A teologia ficou então sem fundamento. Uma teologia sem filosofia é pura elucubração, quando não superstição. Uma filosofia sem teologia é irrelevante, quando não enfadonha. O fundamental são os problemas vitais do homem, a dor, a vida, a morte, a existência de algo mais do que se pode ver com os olhos... Tudo isso, sem a teologia, parece não funcionar. A separação entre filosofia e teologia é mortífera para ambas. Há que distingui-las, porém não se podem separar. Sua relação não é dualista, mas a-dualista, *advaita*. Poder-se-ia discutir se o divórcio se produziu pelos maus tratos que recebeu a filosofia nas mãos da teologia ou porque a primeira se enamorou das filhas dos homens, como diz o Gênesis (6. 2), e se deixou deslumbrar pelas novas ciências emergentes. O fato é que a mera razão como critério último de verdade teve que divinizar-se, e as crenças tiveram que refugiar-se em um Deus feito sob medida para elas. Separou-se a alma do cor-

po e morreram ambos. Paradoxalmente, a alma é a filosofia e o corpo é a teologia – sua encarnação concreta. Uma filosofia exclusivamente racional deve coexistir com o conceito como núcleo intelectual da coisa, como sua alma. Uma teologia essencialmente encarnada, como o é ao menos a cristã, deve coexistir com a realidade existencial da coisa, como seu corpo – que a tradição denomina o corpo de Cristo, qualificando-o como “místico”. Começa-se a descobrir então que a encarnação não é um acidente dentro da mesma teologia cristã. No que pese a todas as elucubrações teológicas, São João não diz que Deus se fez homem, mas que o *logos* se fez carne – ainda que a palavra hebraica, que corresponde à palavra grega *sarx*, também tenha a conotação de “homem” – e o vocábulo hebreu que corresponde a “palavra” (*logos, dabar*) significa também coisa e inclusive evento.

Gostaria ainda de fazer uma esclarecimento. Disse que a filosofia é a alma e a teologia o corpo. Porém não uma alma cartesiana nem um corpo individual. A alma é a vida da realidade e, por isso, pode sê-lo todo. Já o afirmava Aristóteles e o repetiam os escolásticos: “Anima quodammodo omnia”. O corpo é a realidade material. E assim se dizia durante os quinze primeiros séculos cristãos ao afirmar que o “corpo de Cristo” é a Igreja. Também o avançou Rãmãnuja ao afirmar que o corpo de Deus é o mundo “real”. Deixemos contudo as elucubrações culturais para outro momento e voltemos a nosso tema, que a vocação cristã e, portanto, também a teologia, é a de servir.

Há um fato histórico, do qual se poderia extrair mais de uma consequência prática hoje em dia. Refiro-me ao que sucedeu em uma boa parte de Europa depois da restauração pós-napoleônica. Não se duvidava nem por um momento de que a teologia formava parte da educação universitária, de fato a teologia foi a co-fundadora de todas as universidades européias. Tampouco se duvidou, nem por um momento, de que a religião formava o núcleo mesmo da vida humana, que enquanto vida consciente necessitava da teologia. Foi o poder, e não a autoridade, da Igreja oficial da época quem quis tomar com exclusividade a teologia. As universidades assim o aceitaram, e com isso se produziu o divórcio entre filosofia e teologia que não existe na Escandinávia, nem sequer na Alemanha, onde a faculdade de teologia é ainda a primeira. Esta separação provocou a degeneração de ambas, da filosofia e também da teologia. Se não vamos buscar nas fontes vitais o que é a vida e quais são as respostas às per-

guntas fundamentais do ser humano; se a teologia e a filosofia não respondem a esta inquietude humana, própria de todo homem que vem a este mundo, então perdem sua razão de ser.

Este divórcio entre alma e corpo causou a morte da teologia – por não falar agora da filosofia. Uma teologia que não examinou seus fundamentos não se sustenta e, finalmente, estes acabam cambaleando-se. Não há mais que ir ao Oriente para comprová-lo. No Ocidente somos tão provincianos que ficamos presos aos nossos próprios moldes, criados mais ou menos artificialmente – sem que isso suponha uma apologia de Oriente, que também tem seus próprios problemas.

Em uma palavra, a teologia quis ser a rainha, e não apenas foi destronada, mas em seu exílio perdeu o contato com a realidade e, quando alguns querem fazer que retorne, resiste, com razão, a reconhecer uma constituição que ela não firmou. Também aqui vale o paradoxo cristão de que para “ser testemunhas da verdade” há que ser mártir, como a mesma palavra indica. Há que morrer para ressuscitar. E este é já nosso terceiro ponto.

III

Nesta terceira parte da exposição, elementar e pode ser que seja caricaturesca para torná-la mais incisiva, gostaria de falar sobre a “ressurreição da teologia”.

Tudo na vida morre e nasce de novo. É muito significativo observar como a lei da inércia, que já formulou Platão, condicionou a forma de pensar ocidental – pese à “et hypotheses non fingo” do genial Newton. Talvez faça falta uma imersão no mundo cultural budista para descobrir que a não permanência de tudo pode levar-nos a descobrir a ressurreição de todas as coisas. O espírito faz novas todas as coisas em cada momento e renova a face da terra, tal como consta no livro da Sabedoria, segundo diz a liturgia do dia de Pentecostes. Se minha hipótese é válida, ou seja, que a filosofia e a teologia morreram por causa de sua separação, o que se faz necessário então é reconciliar este matrimônio sagrado: “Hieros gamos”, como diziam os gregos, entre filosofia e teologia, para que ambas possam ressuscitar – sem que percam por isso sua *ontonomia* própria.

São Boaventura, este santo amigo pese o fato de ter vivido há 700 anos, não reconhecia o divórcio entre a teologia e a filosofia. Não creio que Aristóteles deixe de estar vivo agora, ou que Jesus

Cristo seja unicamente uma recordação histórica, salvando as distinções fundamentais entre os dois exemplos. Se não superamos a história, como podemos crer na Eucaristia, que é mais que uma simples lembrança de um fato histórico? Se apenas vivemos no mito do Ocidente (a história), nossa vida é bem triste. A vida caminha para a morte e é um “vale de lágrimas”. Se não superamos a história, levaremos nossos erros sempre nas costas. Se a história é a única realidade, uma vez cometido um erro já não há perdão possível; poderão não nos imputá-lo ou não tê-lo em conta, porém a remissão jurídica não é o perdão ontológico, sacramental, que constitui uma “descrição”, como tentei explicar em outras ocasiões – mesmo que este não seja agora o nosso tema. Apenas quero apontar aqui que há que se superar o mito da história – porém superá-lo não significa negá-lo, mas deixar de identificá-lo com a realidade. Recordo o caso de um missionário cristão que, nos mesmos jardins de Vrindānava, ao norte da Índia, onde se situa a lenda do Deus Krishna, contava o seguinte a um de seus seguidores: “Nosso Deus é real, ou seja, histórico. Viveu há 2.000 anos, temos documentos que o provam. Contudo, de vosso Krishna não se conhece mais que uma lenda, e não muito edificante”. O bom hindu estava encantado. Entendia que Jesus era, como Napoleão ou São Francisco de Assis, uma figura histórica muito importante, porém nada mais. Para ele, o Krishna de sua fé era o real, o que valia. O fato de que tivesse sido ou não filho de Devak e tivesse feito diabruras era sem importância. Porém não quero entrar agora em comparações interculturais.

A ressurreição da teologia só pode acontecer se voltam a unir-se seu corpo e sua alma. Só então se poderá encontrar seu espírito. Dizia que São Boaventura ainda não havia reconhecido este divórcio, pese que Santo Tomás tivesse já consentido na separação de fato – ainda que não de direito. São Boaventura falava de uma única teologia, na qual reconhecia uma tripla distinção. Distinguia uma teologia simbólica, uma teologia própria e uma teologia mística. Porém as três constituem uma única teologia inseparável da filosofia. Naquele tempo era usual referir-se aos dois grandes livros da realidade: o livro da natureza e o livro da revelação. Havia que ler ambos à luz que “descende do Pai das luzes” (Jacó. 1, 17). O que ocorre é que agora não sabemos ler, captar a profundidade, a beleza e a verdade do livro da natureza, e nem sequer do “livro da revelação” – que, sem o primeiro,

tampouco se compreende. Analisamos e fazemos a autópsia ao livro da natureza, convertendo-o em assunto de especialistas. Porém não sabemos vê-lo, vivê-lo nem desfrutá-lo. Alguns artistas talvez sim, porém as pessoas em geral não sabem ler; são iletradas. Passei longos períodos na Índia escutando discretamente as explicações de pessoas que não sabem ler nem escrever sobre o sentido de uma figura dependurada nos galhos de uma árvore ou esculpida nas grandes portas dos templos. Interpretando e dando vida àquelas representações artísticas descobriam nelas sentidos insuspeitos muito depois de que eu, em meu interior, já tivesse esgotado meus recursos expressivos sobre as mesmas. Algo parecido nos sucede com o “livro da revelação”. Fizemos exegeses, análises, autópsias, porém quase sempre nos escapou seu sentido simbólico – e não digo unicamente metafórico. Existe uma diferença essencial entre o conhecimento simbólico e o conceitual. Este último pretende objetividade. O primeiro transcende a dicotomia sujeito/objeto e pede participação. Por isso as sabedorias tradicionais (grega, indiana, cristã etc.) requerem a iniciação para a incorporação vital de qualquer doutrina. Aqui, a dialética (no sentido moderno) não serve. Nem tudo é questão de uma mera interpretação racional. Como dizem os ingleses: “The devil can quote Scripture for his purpose” (“O diabo pode citar também a Escritura para seus interesses”), tal como faz o demônio nas tentações de Jesus quando cita a Escritura. Jesus responde-lhe então que não só de pão vive o homem, mas de toda *palavra* que sai da boca de Deus – não de toda escritura surgida da mão do homem, por inspirado que seja. Disse muitas vezes que o cristianismo não é uma religião do Livro, mas da Palavra – que só está viva quando falada, escutada e entendida. Por aí é que acontece a ressurreição: a Palavra viva.

Haveremos de saber ler o livro da natureza e escutar a Palavra que alimenta todo homem que vem a este mundo. Esta palavra não é uma escritura. Recordemos que, até o século XV, só se falava de um Testamento, o Antigo. O que agora denominamos Novo era conhecido antes como as Escrituras Cristãs. Para entendê-las, é necessário os dons do Espírito Santo. Há um, contudo, que não está na lista e sem o qual não se pode fazer boa teologia: a ironia – humor, se assim se quer. Tomando as coisas ao pé da letra, se cai no fundamentalismo.

Há um texto que me preocupou durante muitos anos e para o qual demorei muito tempo em encontrar sentido. O texto se en-

contra apenas em São Mateus. Faz referência a um vocábulo difícil de traduzir, e que a Vulgata denomina “verbum otiosum” (“palavra ociosa”). As novas versões costumam traduzi-lo assim: “De toda palavra inútil que digam os homens, darão conta no dia do juízo; por aquilo que tenhas dito, te salvarás, e por aquilo que tenhas dito, te condenarás”. O grego diz “por toda palavra *argon*”; quer dizer, toda palavra que tenha energia, força, que não cause aquilo que diz, que não seja sacramento. De toda palavra inútil, vã, *argon*, de todas estas se nos pedirá contas. Esta é a palavra que complementa o pão, diz Jesus. Pão e Palavra ressuscitam a teologia.

Para recuperar o sentido da teologia (que não é um monopólio cristão, mas devo me ater à teologia cristã que aqui nos ocupa), me servirei da citada frase de São Paulo. Diz textualmente que “a teologia não está acorrentada”. O contexto da frase é diferente: São Paulo se encontra acorrentado na prisão e diz que “a palavra de Deus não está acorrentada”, é livre. Recordemos, contudo, que o mesmo Santo Tomás de Aquino nos diz que qualquer interpretação da Escritura é perfeitamente legítima, quando se respeita seu sentido literal. O que acontece é que, com a melhor intenção do mundo, quisemos acorrentá-la – para que não se escape a nosso controle. A teologia (palavra já utilizada por Platão) é o *logos* sobre Deus (genitivo objetivo) e o *logos* de Deus (genitivo subjetivo). O genitivo objetivo, dizer coisas sobre Deus pensando que o conceito toca o objeto (Deus), é uma blasfêmia, já que fazemos de Deus um objeto de pensamento. Gregório de Nissa dizia que a pior das idolatrias é converter Deus em conceito. Deus não é nem um objeto nem um conceito. Podemos ter um conceito das coisas, porém Deus não é uma coisa; não pode ser uma mais entre elas. Não existe um conceito possível de Deus. O que há são doutrinas que se aproximam à realidade do mistério, do que nós denominamos Deus. Pois bem, não podemos falar sobre Deus da mesma maneira que falamos de um dinossauro. Necessitamos um discurso diferente, já que Deus não é uma coisa a mais entre as coisas. Cair nesta trampa é perder tudo. É perder toda a teologia. Já dizia São Paulo que a fé surge do escutar – e apenas se escuta a palavra de um falante. Este escutar é uma experiência. A teologia se funda na experiência da fé, como já dizia a teologia mais tradicional.

As coisas não acabam aqui. Aclara-nos algo também o genitivo subjetivo: Palavra “de” Deus, e não apenas “sobre” Deus.

Aqui radicam a força e a debilidade da teologia cristã. A teologia cristã diz, seguindo o Prólogo de São João, que em Deus “há” um *logos*, que Deus é Palavra, que esta Palavra “era” e “estava” no princípio, porém não é o Princípio. A Palavra era Deus e estava em Deus e é igual a Deus, porém não diz que fosse o Princípio. No Princípio havia a Palavra. Como afirma Santo Irineu em uma frase lapidar: “Do silêncio do Pai surge a Palavra do Filho”. Esta palavra se pode escutar em toda palavra que não seja ociosa, que surja do coração, que seja sincera; em toda palavra que possa dizer um homem de boa vontade. E quando se dizem estas palavras? Estas palavras se dizem quando o conhecimento e o amor não se separaram, o que constitui, como já insinuei, o grande divórcio da época atual; ou seja, quando não se crê que se pode conhecer sem amar (que é cálculo) ou amar sem conhecer (que é sentimentalismo). Esta união entre Conhecimento (*logos*) e Amor (*pneuma*, espírito) nos abre ao mistério da Trindade. A fé surge do saber escutar esta palavra. Já disse que o cristianismo não é a religião do Livro, mas que é a religião da Palavra, a Palavra que era desde o Princípio. Por isso o Espírito Santo é quem, como diz a Escritura, tem conhecimento de toda palavra, teve o suficiente humor em procurar que não se conservasse quase nenhuma das palavras ditas por Jesus. Tudo é tradução. Jesus falava em dialeto, e suas palavras se traduziram depois ao grego, muito distinto do hebraico e do aramaico. Conhecemos apenas um par de frases originais. Uma delas já no final, quando está na cruz e lança aquele grito extraordinário. As pessoas não o entenderam porque falava em seu dialeto. Para mim, estas palavras são uma das revelações centrais de sua mensagem (Yaweh o abandona, mas seu Pai não); porém este não é meu tema. Meu tema é que a teologia surge de escutar a Palavra. Palavra não é escritura, e menos ainda tradução. Santo Tomás de Aquino apresenta três razões de por que a divina providência fez com que Jesus não deixasse nada por escrito. Primeiro, porque o melhor mestre é o que inscreve a palavra no coração de seus discípulos. Segundo, porque idolatraríamos a escritura pensando que não existe nada mais sublime, posto que é idêntica à sua mensagem. Terceiro, porque para comunicar vida deve existir um mensageiro vivo que nos fale. A palavra deve ser escutada, e toda palavra deve ter alguém que a transmita, como assim o encomendou a seus discípulos. Não há palavra se ninguém a escuta. Não há palavra sem som, sem matéria. Na palavra, há quem fala, quem es-

cuta, a matéria mediante a qual se fala e aquilo que se diz, seu sentido. Saber escutar a palavra é a arte da verdadeira teologia; ou seja, a intuição simbólica, o conhecimento (intelecto) e o conhecimento místico, como diz São Boaventura. Sem mística não há teologia.

“O espírito tem o conhecimento (*gnôsis*) de toda palavra” (Sb 1, 7) [LXX]. Se perdermos este sentido místico, holístico, completo, da teologia e a convertermos em uma ciência especializada, se compreende então sua morte. Voltar a este matrimônio entre conhecimento e amor (entre mente e coração) é outro imperativo cultural de nosso tempo.

Não nos encontramos em uma época de mudança, mas em uma mudança de época. É necessária uma transformação radical; senão vamos na direção de uma catástrofe. Não basta cataplasmas ou pequenas reformas que apenas prolongam a agonia de um sistema intrinsecamente injusto. Se os cristãos, quando começam a vislumbrá-lo, não vivem plenamente este mistério (que se revela em toda palavra autêntica), se convertem então também em responsáveis da situação em que nos encontramos. Se vivemos em torres de marfim, presos em nossas pequenas disputas, como podemos atrever-nos a falar de um Deus que faz chover sobre justos e injustos e faz nascer o sol ante bons e maus? De um Deus que parece que não discrimina, que não deixa que se separe o trigo do joio antes do tempo? Para isto é necessário voltar à teologia simbólica. Porém, há que abrir-se ao símbolo, há que experimentá-lo como símbolo; senão, não é símbolo. Toda palavra tem uma tripla função: significa (contém um conceito); porém mais que um sentido (contém um símbolo), e, em terceiro lugar, toda autêntica palavra é portadora de vida (contém força vital). Dito mais academicamente: toda palavra se pode traduzir em um “texto”, porém, ademais, está dentro de um “contexto”. Portanto, não podemos captar sua força se não captamos o “pretexto” existencial de quem a diz.

Texto, contexto, pretexto formam parte do conhecimento de qualquer palavra. Em nossa cultura escritural, informática diria, tendemos a identificar a palavra com seu texto, seu conceito. Toda palavra, contudo, tem mais de um sentido, que se capta no conhecimento simbólico – e que não é o conhecimento conceitual. O conhecimento conceitual é conhecimento científico, tende à univocidade. O conhecimento simbólico, por sua vez, é um conhecimento concreto, existencial e polissêmico. Se o símbolo

não me transmite nada, não constitui para mim nenhum símbolo. O conhecimento simbólico deve contar com a participação do conhecedor que nos descobre seu valor não exclusivamente conceitual. Quando o símbolo começa a nos falar, quando começa a estar vivo, se aproxima então a ressurreição da teologia. A fé cristã se expressa em símbolos que se traduzem em práxis: o símbolo dos apóstolos. Quando o símbolo dos apóstolos se identifica com a doutrina cristã, se aproxima o perigo de converter a fé em uma ideologia. E isto nos leva ainda a outra questão.

Toda palavra, e sigo falando do genitivo subjetivo, revela uma realidade que fala. Por isto na teologia há que escutar a palavra. Pois bem, para escutar há que conhecer simultaneamente texto, contexto e pretexto. O texto poderei talvez começar a entendê-lo lendo-o, aplicando meu conhecimento conceitual. O contexto requer o conhecimento simbólico; hei de ver o texto em seu lugar natural para que me fale e possa entendê-lo mais plenamente. Para conhecer o pretexto hei de conhecer o autor do texto, o que fala; é necessário escutá-lo e entendê-lo; isto é, amá-lo.

ABSTRACT

The Aula Magna delivered by Raimon Panikkar in the Superior Institute of Religious Science in Vic, in 2002, analyses the problem of irrelevance to which the theology of the present times, the marginalization of the theologian and the faculties of theology are condemned. The text tries to investigate the causes of this lamentable situation and asks about the possibility of changing this state of affairs. Organized as a reflection on these three points, the text diagnoses the straying from the evangelical pathway as one of the possible causes of this loss of relevance of theology. Investigating the internal relationship between philosophy and theology, the present text reveals the distinct aspects of this union. On one side, it calls attention to the confusion of the dominion of each discipline and on the other; it reaffirms the necessity of an urgent reuniting of the body and the soul, philosophy and theology respectively. Besides abandoning the divorce from philosophy, in order to resurrect Christian theology as an expression of the religion of the Word, it must also become increasingly the listener to the Mystery, opening itself to the symbol, avoiding the conversion of faith into ideology.

Key words: Theology; Philosophy; Christianity.